ORLANDO
NEVES

*Dicionário da
origem
das
palavras*

notícias
editorial

Ficha Técnica

Título: Dicionário da origem das palavras

Autor: Orlando Neves

Revisão: M. Manuela Vieira Constantino

ISBN: 9789895556465

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Orlando Neves

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

BREVE NOTA

Este não é um dicionário etimológico, no sentido tradicional do termo. Obedece a um outro critério: mais do que demandar a origem das palavras, no estrito desígnio de encontrar as razões linguísticas que as formaram, procura outras direcções, relacionáveis com a história dos vocábulos ligada às coisas ou às ideias que eles evocam — sabendo-se que delas nunca se separam.

Diga-se, pois, que o livro é, sobretudo, um repositório, por um lado (sempre breve) da crónica etimológica, *stricto sensu*, e por outro, da evolução histórica que relaciona o conceito com a vida. Sabermos que a palavra X proveio directamente do étimo latino, grego ou outro, mata uma curiosidade, acima de tudo científica. Mas conhecermos que essa mesma palavra se entrelaça com um facto, uma personagem, uma situação vivida ou experimentada, é satisfazer diferente espírito de curiosidade. (Não se desabone a curiosidade, por fútil ou inútil que pareça — sem ela não haveria progresso).

Por vezes, as palavras nasceram «puras e duras». Chegaram-nos tal qual a língua de origem ou com alterações de mera regra etimológica. Em outros casos, porém, evoluíram, historiaram-se, não só no aspecto formal, como no semântico, sendo hoje o contrário do que eram na fonte ou, pelo menos, desviando-se, quase insolitamente, do significado originário.

Foi este tipo de termos que me interessou — os que mudaram, os que têm uma história curiosa e particular, os que, na sua formação, se compuseram de modo peculiar.

Já a nível de ensino secundário quase nunca se estuda o latim ou o grego. Daí que, especialmente em palavras de uso corrente, me tenha limitado a «destapar» o que nelas está oculto e é desconhecido, por nossa ignorância ou porque uma utilização tão banal nos levou ao esquecimento.

Por isso, talvez este Dicionário (que o é, formalmente, por seguir uma ordem alfabética) seja diferente dos habituais — podendo ser de consulta, função histórica dos Dicionários, é, da mesma forma, um livro para ser lido de seguida, da primeira à última página, dado o seu propósito inequívoco de divulgação.

Obviamente, apenas estão aqui as palavras que seleccionei numa perspectiva quiçá discutível. Foram estas — poderiam ser outras ou muitas mais. Neste caso, o livro ficaria demasiado extenso e talvez de leitura pouco amena. Preferi, pois, os termos cuja história mais me seduziu ou maior curiosidade me despertou, embora alguns tenham ficado de remissa, como, por exemplo, os derivados de antropónimos (maquiavelismo, quixotismo, gongorismo, etc.).

Na feitura desta reunião de dados, consultei algumas dezenas de publicações. Seria fastidioso e desnecessário enumerá-las exaustivamente. Para o leitor vulgar, tornar-se-ia desinteressante tal lista; para o especialista nada traria de novo. Todavia, sempre que achei necessário, citei, nos próprios verbetes, os autores e as obras em que me baseei.

A

ABADE

Sabe que abade significa pai? Se assume esta palavra, presta um serviço ao Estado. Desempenhará o melhor papel que um homem pode desempenhar: nascerá de si um ser pensante. Nisso há qualquer coisa de divino.

Mas se você é abade só porque quis ser tonsurado, quis usar um colarinho branco, uma capinha e auferir um rendimento fixo, você não merece o título de abade.

Os antigos monges davam esse nome ao superior que elegiam. O abade era o seu pai espiritual. Como o mesmo título significa coisas diferentes com o passar do tempo! O abade espiritual era um pobre à frente de outros pobres, mas os pobres abades, mais tarde, já tinham 200, 400 mil libras de renda e hoje há pobres pais espirituais que têm um regimento de guardas por sua conta. Um pobre, que fez juramento de ser pobre e que, afinal, é um rei! Já se disse isto, frequentemente, mas é preciso dizê-lo mais vezes, porque é intolerável. [...] Estou daqui a ouvir os senhores abades de Itália, da Alemanha, da Flandres, da Borgonha, a dizerem: porque é que não temos o direito de acumular bens e honrarias? porque não podemos ser príncipes? os bispos são-no; originariamente, eram pobres como nós, enriqueceram, ascenderam aos mais altos postos, um deles até se tornou soberano dos reis, deixem-nos imitá-los.

Têm razão, senhores, invadam a terra. Ela pertence ao forte e ao hábil que dela se apodere. Vós tendes aproveitado tempos de ignorância, de superstição, de demência para nos despojarem do que herdámos, para nos

espezinharem, para engordarem com a carne dos infelizes. Tremam quando o dia da razão chegar.

Estas palavras de Voltaire definem o estado a que chegara o título de *abade*, poucos anos antes da Revolução Francesa. Era cognome e cargo dado a torto e a direito, autêntica sinecura — todos os eclesiásticos, com ordens ou sem ordens (e mesmo os leigos) podiam receber a distinção e o proveito ainda que não pertencessem a qualquer abadia (chamava-se a estes, entre outros designativos, abades sem abadia, abades cortesãos ou abades da *Santa Esperança* de algum dia virem a ter abadia). Verdadeiros peralvilhos, inúteis, ociosos, frequentadores das senhoras da nobreza, passeavam o seu estatuto pelos salões (recorde-se o célebre Abade Prevost, escritor de mérito, autor, por exemplo, de *Manon Lescaut*).

Daí a indignação de Voltaire.

Porque a palavra *abade* é profana. Foram os cristãos gregos que a introduziram na religião, chamando aos primeiros superiores dos monges *abbot*, o que, na língua síria, significava *pai*. Origem contestada, no entanto, pelos que dizem ser a palavra hebraica, *aba* (com o sentido de amar, querer bem e daí também *pai*).

Antes dessa passagem para a linguagem religiosa, a palavra era atribuída àquele que, pela idade, sabedoria e pureza de alma, aconselhava, orientava os que se lhe dirigiam. Cristo invocando Deus, em Getsêmani, diz *Abbâ* (*Evangelho de S. Marcos*, 14.36). S. Paulo nas epístolas aos Romanos e aos Gálatas, utiliza também *Abbâ*. Os judeus no livro dos *Apótegmias* incluem um capítulo chamado «Pirke abbot», ou seja, «Capítulo dos pais». Jesus Cristo terá proibido os seus discípulos, por tal razão, de chamarem pai a qualquer homem, visto que pai no sentido místico só seria

Deus. E S. Jerónimo proibiu, igualmente, os monges de darem esse título àqueles que os superintendiam. Preveria o santo o que acontecia nos tempos de Voltaire? A verdade é que as palavras do filósofo estão bem presentes ainda na nossa linguagem popular em expressões como *cara de abade*, *dormir como um abade*, *comer como um abade*.

ABALAR

Pode significar «partir com pressa», «ir-se embora» ou «abandar, oscilar, fazer tremer», sentidos que só por generalização se ligam à origem da palavra.

Proveniente do verbo latino *advallare*, por sua vez, vindo de *vallis* (vale) é, literalmente, «descer para o vale», «ir para baixo».

ABECEDÁRIO

Mais ou menos há 4000 anos, calcula-se, deve ter surgido o abecedário que os fenícios, com base em sinais de outros povos, sistematizaram e que foi acolhido e sucessivamente modificado pelas populações, sobretudo do Mediterrâneo do Norte.

É fácil compreender a palavra: *a+be+ce+de* a que os latinos acrescentaram o sufixo *ariu(m)* que designa «conjunto, lista de» (recorde-se, por exemplo, «noticiário», «calendário», «bestiário», etc.).

Comum é sinonimizar-se «abecedário» com «alfabeto», o que é legítimo em termos linguísticos e de funções, mas que não tem a ver com a nossa escrita. Realmente, «alfabeto» é a lista dos caracteres gregos, formada pelas duas primeiras letras, o *alfa* e o *beta*. «Alfabeto» aproxima-se, sim, dos abecedários árabes (*alifato*) e hebreu (*alefato*). Mas foi de «alfabeto» que, na nossa língua, se formou o

vocábulo que nomeia aquele que não sabe ler nem escrever, «analfabeto».

ABENCERRAGEM

Significando a palavra seleiro «aquele que se aguenta bem na sela; que é bom cavaleiro» ou então «aquele que fabrica ou vende selas e arreios para cavalos», poderemos escolher qual dos sentidos se aplica à etimologia de abencerragem. Essa etimologia diz-nos que a palavra provém do árabe *aben as-sarraj*, à letra, «o filho do seleiro». Seriam os abencerragens filhos ou herdeiros de grandes cavaleiros ou de ignorados fabricantes de selas?

O certo é que se denominavam «abencerragens» os componentes de uma tribo árabe do califado de Granada, conhecida pelas suas lutas no século xv e exterminada pelo último rei árabe de Granada, Boabdil, a cuja figura estão ligadas muitas lendas e romances. Uma delas, divulgada, entre outros, por Madame de La Fayette e Swinburne e numa ópera de Cherubini, diz-nos que o chefe dos abencerragens, Aben Hamad, se apaixonou por Defxara, a rainha, mulher de Boabdil. Este, como era de esperar, vingou-se, aniquilando toda a tribo, da qual apenas terá escapado um membro.

Chateaubriand (1768-1848), político e escritor, um dos principais introdutores do Romantismo em França, publicou, em 1826, uma versão desse episódio, em que imagina o regresso do único sobrevivente, 20 anos depois, a que deu o título de *O último Abencerragem*, título que se transformou numa expressão popular com o significado de «aquele que é o último defensor de uma causa, o último fiel, o que defende uma ideia depois de tudo estar perdido».

ABESPINHAR-SE

Diz-se de quem se irrita ou zanga facilmente. Talvez devesse dizer-se, de preferência, «avespinhar-se», porque o que na palavra se esconde, desde o latim, é o insecto *vespa*, no seu diminutivo «vespinha» que, quando ataca, o faz com tal sanha que a vítima fica realmente irada.

ABOMINÁVEL

É o que merece repulsa, aversão.

A origem está no latim *ab*, que indica afastamento e *omen* que significa presságio, augúrio (vd.). De facto, para os latinos, *omen* era um augúrio que se transmitia oralmente, «pela boca», segundo Cícero, porque a palavra (em grafia antiga, *osmen*) proviria de *os*, *oris* que designava a boca quando esta era usada para emitir a fala (se fosse para comer, dizia-se *bucca*). Aliás, é de *os*, *oris* que nos chega «oral». Assim, abominável seria o que se dizia e, por ser desagradável, se devia afastar, esquecer.

ABORÍGENE

Diz-se do natural de um país, sinónimo de indígena ou autóctone. A palavra estendeu-se a «primeiros habitantes de uma dada região».

Na mitologia romana chamaram-se «aborígenes» os membros de um povo que Saturno civilizou e aos quais deu leis justas e humanas. O deus trouxe-os do Egipto para Itália onde se estabeleceram.

Na própria palavra se vê a etimologia: *ab origine*, «desde a origem».

ABRACADABRA

Trata-se de uma palavra cabalística, à qual, durante toda a Idade Média, se atribuíram virtudes mágicas para curar ou

evitar algumas doenças, sobretudo febres, através da repetição contínua do vocábulo.

São várias as etimologias que têm sido avançadas. Viria do hebreu *abreg ad hâbra* que significa «envia o teu raio até à morte» ou, ainda do hebreu, de *ab-ruah-dabar*, «pai, espírito, palavra», o que representaria uma trindade divina. A origem poderia também residir no persa *abrasas*, denominação mística da divindade (referida, eventualmente, ao deus Mitra) anteposta a *dabar*, o hebraico, com o significado de «palavra divina», pelo que a grafia preferível devia de ser *abrasadabra*.

Mas a etimologia mais comumente aceite faz vir abracadabra de *abracax*, *abraxás*, *abraxax*, termo persa ou, novamente, do hebreu *hab'rakah*, «nome sagrado». Todos estes étimos se relacionariam com uma divindade proposta pelo heresiarca Basíledes de Alexandria, o mais conhecido gnóstico que viveu nos inícios do século II. Desse deus, o pai incriado, «Abracax», dependeriam outros deuses e anjos que presidiam aos 365 céus correspondentes aos dias do ano. Mas a construção teológica de Basíledes, que tentava explicar o cristianismo, não é conhecida directamente. Nenhuma sua obra chegou até nós e o pouco que se sabe do tão complexo sistema resulta do que se infere das refutações da sua doutrina feitas por Sto. Ireneu e Sto. Hipólito.

«Abracadabra» utilizava-se gravada numa pedra ou em metal que se suspendia ao peito como amuleto. Para surtir efeito, na cura das doenças ou na expulsão dos demónios, deveria a palavra escrever-se em triângulo invertido orientando para baixo as energias da parte superior que o talismã captava e as letras dispor-se-iam de tal modo que a palavra se pudesse ler em vários sentidos. Exemplos:

ABRACADABRA
BRACADABR
RACADAB
ACADA
CAD
A

*

ABRACADABRA
BRACADABRA
RACADABRA
ACADABRA
CADABRA
ADABRA
DABRA
ABRA
BRA
RA
A

*

ABRACADABRA
ABRACADABR
ABRACADAB
ABRACADA
ABRACAD
ABRACA
ABRAC
ABRA
ABR

AB
A

ABRENÚNCIO

Significa aversão, repulsa, esconjuro, impreciação, rejeição. É isso que está no latim *ab+renuntio*, à letra, «eu renuncio». Omite-se aquele a quem se renuncia, porque a expressão completa seria *abrenuntio Satanae*, «renuncio a Satanás». Usada em exorcismos e no baptismo quer-se com ela dizer que a criança rejeita as tentações do Diabo.

ABRIGAR

O sol está oculto na palavra, mas não no seu significado originário. É que o verbo vem do latim *apricare*, querendo dizer-se «expor-se ao sol, aquecer-se ao sol». Sempre que estava frio, os romanos iam à procura do sol para se «abrigarem».

A palavra deu as voltas semânticas habituais e, hoje, mantendo a significação inicial de «proteger-se do frio» também tem a contrária, «proteger-se do sol». E foi mais longe nessas andanças porque nos abrigamos de outras conjunturas bem diferentes que nada já têm a ver com o cariz do tempo.

ABRIL

Os Romanos consagraram este mês a Vénus. Como se sabe, Vénus é a transcrição da deusa grega Afrodite para a religião de Roma. É neste facto que reside uma das origens da palavra.

Afrodite, que seria uma divindade de natureza oriental, tem, na mitologia helénica, vários nascimentos. Um deles diz que Úrano, personificação do Céu, casado com Geia, a

deusa da Terra, cansava a esposa com a sua forte potência sexual. Geia estava, constantemente, a ter filhos. Não podendo suportar tanto apetite, pediu aos seus rebentos que matassem trano. Apenas Cronos, o deus do Tempo, se dispôs a tal e, uma noite, cortou os testículos ao pai. O sangue caiu na terra e o esperma tombou no mar, causando neste uma onda enorme de espuma. Dessa onda nasceu Afrodite, a futura deusa do amor, do prazer pelo prazer. Ora, em grego, chamava-se à espuma do mar *aphrós*, *aphril*, donde concluir-se que *Abril* tem aí a origem.

Mas a versão mais aceite dá-nos *Abril* como proveniente do latim *aprilis*, *aprilem* que se relaciona, commumente, com o verbo *aperire*, abrir. E como é neste mês, no início da Primavera, que a natureza refloresce e toda a vegetação se abre, o nome ficou. De resto é neste sentido que o mês se representa nas gravuras clássicas: uma jovem, vestida de verde, coroada de mirto e transportando um cesto repleto de frutos. Carlos Magno chamou-lhe o mês da Páscoa (sabe-se que foi durante Abril que Cristo ressuscitado permaneceu na terra). E, por isso, também a designação comum de Páscoa Florida.

ABSURDO

É aquilo que repugna à razão, que surge a despropósito.

Todavia, o «surdo» do vocábulo está lá com toda a lógica. Em latim, *absurdus* é aquilo que se ouve mal, que é desagradável ao ouvido, que soa dissonante.

ACAÇAPAR

Abaixar-se, encolher-se, acocorar-se, coser-se à terra, eis o que nos dizem os dicionários que também referem «acachapar-se» com o mesmo sentido.

Há coelho à vista. De facto, «caçapo», palavra de etimologia desconhecida, entre outros significados, tem o de jovem coelho — naturalmente assustadiço sempre que acuado. Nessas situações, o láparo encolhe-se e fica rente ao solo.

ACADEMIA

O termo, divulgado em praticamente todo o mundo ocidental, deve-se ao facto de assim se ter chamado à escola de Platão. Não fora isso e aquele que lhe deu origem nunca teria deixado de ser um obscuro personagem da mitologia grega.

É que « academia» deriva de *Akadémos* e foi nome próprio. *Academus* ou *Hecademus*, via latim, etimologicamente, origina-se do grego *hekás* (aquele que age longe) + *dêmos* (povo), o que, em tradução livre, significaria «aquele que age livremente, fora das pressões do povo».

Helena, a de Tróia, antes de ser levada por Páris, foi raptada por Teseu, herói de Atenas. Espartana, tinha como irmãos os gémeos Dioscuros, Castor e Pólux (filhos de Zeus, diós, e *Kúroi*, filhos). Trataram de procurá-la na Ática. Não estavam a ser muito bem sucedidos, quando surgiu Academus, que vivia perto de Atenas e, não se sabe como, era conhecedor do local onde a jovem fora aprisionada, uma fortaleza na cidade de Afidna. Comunicou a informação aos gémeos, estes libertaram Helena e ficaram gratos a Academus, a quem pouparam a propriedade aquando das guerras com Atenas. Essa pequena quinta localizava-se a mil passos (cerca de dois quilómetros) da capital grega, para além do bairro do Cerâmico e era conhecida como a *Akadémeia*.

Platão, que morava perto, aproveitava os jardins da zona para dar as suas aulas. Academus já tinha morrido há muito, mas o túmulo ainda subsistia. O filósofo deve ter comprado o terreno (era de família nobre e rica) e ali construiu o seu estabelecimento de ensino, constituído por salas de aulas, alojamentos para os alunos e o *Museum*, edificação dedicada às musas e que era, de facto, a biblioteca da «universidade».

Todo o conjunto passou à posteridade como a «Academia de Platão».

AÇAFATA

Eis uma palavra caída em desuso. De facto, «açafata» era a dama que ajudava as rainhas, princesas e senhoras da nobreza a vestir-se (e a despir-se) e lhes cuidava do vestuário.

O curioso da palavra reside na transferência do nome de um objecto para qualificativo de uma pessoa. Açafata provém do árabe *as-safat*, que deu, em português, «açafate», isto é, um cesto de vime, redondo ou oval, sem tampa, que servia, na civilização muçulmana, para transportar os perfumes e demais utensílios de embelezamento das damas mouras.

A pouco e pouco, o açafate passou a guardar outros objectos, inclusive comidas e bebidas.

Chamava-se à jovem que levava o cesto, a «moça do açafate», qualificação que se achou demasiado extensa e se substituiu por «açafata» — aquela que traz o açafate.

ACANAVEAR

O verbo quer dizer «martirizar, supliciar, torturar, tornar magro, abatido, definhar». «Andar acanaveado» designa,

pois, um comportamento de tristeza, doença, sofrimento.

A etimologia tem sido discutida. Dizem-nos que a palavra vem de *canna+avena* ou, então, de *a+cannavea+ar*. Seja como for, *canna* ou *cannavea* (ambas, aliás, «cana», em português) estarão na sua origem. Se considerarmos que esta «cana» é a da aveia (mesmo que seja outra pouco importa para o significado primeiro de «martirizar, torturar») compreender-se-á o sentido histórico da palavra. O suplício, praticado no Oriente, sobretudo no Japão, aos missionários católicos, consistia na introdução, entre as unhas e a carne dos pés e das mãos, de agulhões feitos de cana de aveia, o que provocava o arrancamento sangrento das unhas. É de prever, facilmente, o estado de prostração dos religiosos.

Azurara refere-se a este martírio na *Crónica de Dom Pedro de Menezes*.

ACANHAR-SE

Diz-se de quem é tímido, envergonhado, que não está à vontade.

Formou-se do adjectivo latino *caniu*, vindo de *canis*, «cão». Quem se acanha faz como o cão ao ser repreendido — encolhe-se, fica intimidado.

ADEGA

Ver *Botica*.

ADEUS

Ou, em francês, *adieu*, espanhol, *adiós*, italiano, *addio*.

São expressões elípticas cujo significado em latim era «recomendo-te a Deus», usadas no momento de despedida.

ADÓNIS

Os dicionários dizem-nos que um «adónis» é um «rapaz elegante, moço bonito que anda encantado consigo mesmo».

Adónis é, de facto, uma figura mitológica que simboliza a beleza masculina jovem. A palavra é de origem sírio-fenícia. Nestas línguas *adon* significa «mestre, senhor». Em hebraico, *Adonai* é o nome de Deus.

Adónis, como divindade, é de origem babilónica e, como sinónimo de «senhor», aplicava-se a Tamuz, deus antiquíssimo dos assírios, ligado à natureza e à vegetação. Passou depois para a mitologia grega e foi uma das grandes paixões de Afrodite, a Vénus grega (vd. *Abri!*).

Como sempre, na mitologia há várias versões sobre a história do jovem. Eis o que diz uma delas.

Adónis era filho de Ciniras, rei de Chipre e pai de Mirra. Esta donzela incestuosa, ajudada pela sua aia e com o auxílio da noite misturou-se com as mulheres do seu pai. Ciniras, apenas descobriu o crime da sua filha, enfureceu-se e perseguiu-a até ao país dos sabeus, onde ela se salvou. Cansada de se ver desterrada, Mirra implorou aos deuses a sua transformação de modo que não fosse morta nem viva; foi pois transformada na árvore que tem o seu nome. Adónis, nascido desta árvore, foi ternamente amado por Afrodite. Ares, cioso da preferência de Afrodite, incitou um javali que se lançou contra o seu rival e o despedaçou. Afrodite correu em auxílio do amado, mas chegou tarde, encontrando-o já sem vida; então transformou-o em anémoma e fez com Perséfone, também apaixonada por ele, um tratado pelo qual esta o guardaria no inferno seis meses durante o ano e o possuiria na terra os outros seis depois de ressuscitado em forma de belo rapaz.

ADRENALINA

Palavra cada vez mais em voga, refere uma hormona existente nas cápsulas supra-renais, com propriedades hemostáticas, que produz aceleração cardíaca e vasoconstrição.

É termo criado pelo inventor da substância, o japonês Yokichi Takamine, em 1901 (ou 1903), proveniente do latim *ad*, «junto de» e *ren*, «do rim».

AFRICANO

Palavra deveras complicada, dadas as várias etimologias que lhe têm sido atribuídas. Enumerando-as, sucintamente: terá vindo do latim *Africa*, hipoteticamente proveniente de um tal *Afer* que tanto pode ter sido um neto de Hércules (Heracles) instalado no Norte do continente, como um neto de Abraão, cuja estada no local seria óbvia; do cartaginês *afrygah* que significava colónia (e Cartago era-o, de Roma, após as guerras púnicas); do autóctone *awrigha*, nome que a si próprios davam os indígenas; do grego *aphriké* que quer dizer «terra sem frio»; de Melec-Afariqui, rei antiquíssimo da Arábia; novamente, do latim, pela palavra *aprica*, soalheiro; do fenício *afriqyak*, feitoria ou colónia, finalmente, do árabe *qafir*, cujo significado é «deserto», que bem se aplicaria ao Norte do continente. De nenhuma há certeza absoluta, se bem que as que se ligam às características climáticas (terra sem frio, soalheira) e geográficas (deserto) pareçam ter alguma lógica, embora em certos documentos do século XII surja a forma *afriga*, o que está mais perto da hipótese cartaginesa.

ÁGAPE

Hoje, sinónimo de banquete, refeição em comum entre amigos.

O grego é *agape* com um significado, aparentemente, nada a propósito: afeição, amizade, amor fraternal, amor divino, às vezes, amor, paixão.

Mas os ágapes eram as «refeições fraternais entre os primeiros cristãos». Compreende-se a ligação: juntavam-se os cristãos, amigavelmente, demonstrando o seu amor a Deus e faziam-no acompanhando esse convívio de uma refeição em comum. No todo, dir-se-ia, comunhão de almas, reminiscência eventual da ceia de Cristo com os apóstolos. Mas não durou muito esse hábito. A partir do século IV, a Igreja proibiu os ágapes porque bastas vezes degeneravam em orgias.

AGITADOR

Em sentido literal correspondia no latim a «condutor de animais» ou «condutor de carros puxados a cavalos nos jogos públicos ou na guerra», devendo esta origem ao verbo *agitare* ou seja «impelir com força, pôr em movimento».

Foi palavra que se sinonimizou com «revolucionário», «instigador de revolta», a partir da Revolução Francesa.

AGONIA

Jogo em grego diz-se *agon*, plural, *agones*. *Agon* provém do verbo *áquein*, cujo sentido primeiro é «levar diante de si, tanger», em se tratando do «rebanho» ou de «seres humanos, escravos ou prisioneiros». Em sentido absoluto *áquein* passou a significar «dirigir-se para reunir em assembleia» com finalidades diversas, inclusive «para os jogos». *Agon* é, pois, o resultado de um *áquein*, isto é, «reunião, assembleia» como já está na *Ilíada*, a respeito da «assembleia dos deuses» e depois reunião para celebrar os jogos e, por extensão, «as disputas, os jogos». Derivado de

agon, é *agonia*, «luta, exercício» e, a partir de Demóstenes e Aristóteles, a própria *agonia*, que o latim eclesiástico tomou do grego com a mesma forma.

Em resumo, «agonia» significa luta, combate; «espírito agonístico», capacidade, disposição para a luta. Por extensão, à luta contra a dor ou a morte, à angústia pelo sofrimento, passou a designar-se «agonia, a última agonia».

Da palavra, também «protagonista», aquele que combate na primeira fila e, depois, o que ocupa o primeiro lugar, o que é o personagem principal.

AGOSTO

Após a batalha de Accio, em que Caio Júlio César Octávio (sobrinho do assassinado Júlio César) derrotou Marco António, Roma atribuiu-lhe o título de imperador, a que acrescentou o cognome de *augustus* que significa majestoso, venerável, magnífico (do verbo *augeo*, que quer dizer, «aumentar», engrandecer, glorificar, tornar-se maior»).

Ora num certo mês *sextilis*, o sexto do antigo calendário latino que começava no actual mês de Março, Octávio Augusto entrou em Roma com três sensacionais vitórias: submetera o exército de Janículo, submetera Cleópatra no Egipto e pusera definitivo termo à guerra civil, iniciando um período de paz e grande desenvolvimento cultural (é a época de Horácio, Virgílio, Ovídio, Catulo, Marcial, etc.) que ficou conhecido como «a paz octaviana».

O mês anterior, o *quintilis*, tinha mudado de nome por decisão do seu tio Júlio César. Passara, em sua honra, a chamar-se Julius (Julho). Octávio Augusto resolveu fazer o mesmo ao tal sexto mês em que festejara as vitórias: cerca de duas dezenas de anos a. C. pôs-lhe o nome de Augustus (donde veio Agosto). Esta ambição de se engrandecer tanto

como o tio, segundo certos autores, levou-o mais longe: aumentou um dia ao seu Agosto para ter o mesmo número de dias de Julho. Como se sabe, no actual calendário, Agosto já não é o sexto, mas o oitavo mês.

ALARDE

«Exibir-se, jactar-se, ostentar, vangloriar-se», é o que significa «alardear» ou «fazer alarde».

Proveniente do árabe *al'ard*, é de resto, o mesmo que «alardo» que só no século XVI tomou o sentido de jactância ou vanglória. Na Idade Média (e hoje ainda), «alardo» era a revista que, anualmente, se fazia aos exércitos, passando, daí, a relação de chamada ou reunião das gentes de armas antes da entrada em combate. Um dos mais belos textos de Fernão Lopes na *Crónica de D. João I* refere-se ao «Alardo da Valariça»: *Foi-se o Conde (D. Nuno Álvares Pereira) caminho da Torre de Moncorvo e veo-se na ribeira da Valariça, que é termo daquele logar e, ali chegou el-Rei com sua oste (exército), como dissemos, e ordenarom logo de fazer alardo de todas as gentes que í erom: e faziam alardo aa vanguarda sobre si (independentemente), e isso mesmo as alas e reguarda (retaguarda). E este foi o mais fermoso alardo que ataa>li (até ali) em Portugal fora visto.*

Com o sentido moderno de jactância pode ler-se na comédia de Jorge Ferreira de Vasconcelos *Eufrosina*, acto I: «E todo o seu cabedal é alardear com a língua e forrar-se de fingimentos.»

ALARME

Talvez não se detecte, de imediato, o que se esconde nesta palavra que hoje é indicativa de situação perigosa, de

sobressalto perante acontecimento que pode ser prejudicial ou fatal para os seres humanos ou para a Natureza.

Os vocábulos que na palavra se ocultam são italianos. Trata-se de *arme* que, na língua transalpina, é o plural de «arma», a que se antepõe *alle*, «às», simplesmente. Assim, *all'arme* é, tão-só, o nosso «às armas» e foi grito soltado pelas tropas italianas nos séculos XVI e XVII, aquando das guerras com os espanhóis.

Passou para a nossa língua, quase directamente, sem ter havido adaptação do plural — deveríamos dizer, em insólito rigor, «alarmas» ou, pelo menos, «alarma», forma esta usada em tempos antigos e, curiosamente, mantida no castelhano e no português que se fala no Brasil.

ALARVE

Usado mais vezes no plural, o vocábulo deve a sua origem a *al'arab* que significa «os árabes». «Árabe» só nos chegou pelo latim. Antes, chamava-se «alarves» ao povo nómada vindo de Marrocos para a Península aquando da invasão desta. Pela sua procedência eram consideradas gente grosseira, sem maneiras, boçais. A pouco e pouco, «alarve» tornou-se sinónimo de rude, malcriado, estúpido. Para evitar essa confusão injusta passou a usar-se o termo «árabe».

ÁLBUM

Provém do latim e significa a cor branca (donde, também, a palavra alvo). Mas *album*, o branco, simplesmente, era a designação de um quadro, uma tábua branqueada a gesso ou alvaiade que os romanos fixavam na praça pública, o Campo de Marte, e na qual, em letras pretas, se escreviam as decisões dos vários sectores do governo (daí, igualmente, *alvo* como local a que se aponta). Assim se

davam a conhecer os decretos, as resoluções régias, os acórdãos, etc. Havia o álbum dos pretores (album praetoris), dos senadores (album senatorum), dos pontífices (*album pontificis*), etc. Se um particular quisesse dar a conhecer aos seus concidadãos qualquer informação escrevê-la-ia, obrigatoriamente, numa *tabula* de outra cor.

Na Idade Média, a tábua começou a ser substituída por pergaminho e, mais tarde, por papel quase sempre branco. Nele se difundiam as questões religiosas, sobretudo o catálogo dos santos, festas religiosas e outros. A pouco e pouco, passou a registar genealogias e, depois, autógrafos, pensamentos, poesias até que, nos nossos dias, o álbum é, sobretudo, utilizado para arquivar postais, fotografias, recortes e deixou de ter qualquer conotação com o seu próprio significado, *branco*.

ALCÂNTARA

Do árabe *al-quántara* significa «ponte, aqueduto». Entre nós, Alcântara permaneceu apenas numa região de Lisboa (rua, travessa, bairro, largo) onde outrora corria uma ribeira, hoje soterrada e no diminutivo Alcantarilha, povoação perto de Silves. Em Espanha, existe a cidade de Alcântara na margem esquerda do Tejo, província de Cáceres.

ALCOVITEIRO

Virá de «alcofa» pelo árabe *al-quffâ* que significa «cesto», «canastra». Nestes se levavam e traziam coisas. Metaforicamente, nas suas andanças de transportadores de mercadorias, os alcoviteiros e alcoviteiras levavam também as novidades e intrigas que iam conhecendo junto dos seus clientes.

Outra opinião alvitra que a sua procedência, continuando árabe, seria *al-qubbâ*, com o significado de «edifício em abóbada», «tenda», «local onde se dorme». Daí, a passagem para «alcova», ou seja «quarto com cama», é óbvia. O alcoviteiro era, pois, aquele (aquela) que negociava casamentos, amantismos e proxenetismos.

ALEATÓRIO

Conhece-se a frase de Júlio César quando decidiu atravessar o Rubicão e entrar em Roma, desafiando o Senado: *alea jacta est*, comumente traduzia por «a sorte está lançada». Seria mais correcto traduzi-la por «os dados estão lançados».

Alea, em latim, significa «dado», jogo de dados que é, de facto, um jogo de sorte. «Aleatório» é, pois, tudo o que se refere ao jogo de dados, o que é decidido pela sorte. Também no latim se chamava à casa onde se jogava, antepassada do casino, *aleatorium*.

ALELUIA

Depois do grego, também o latim eclesiástico tomou para si a palavra hebraica *halelu*, Louvai e *iah*, Deus — louvai a Deus.

ALERGIA

Palavra criada pelo pediatra austríaco Klemens von Pirquet, formada a partir do grego *állos* (outro, diferente) e *ergeia* (de energia) significando «reação desconhecida a uma energia externa».

ALFABETO

Ver *Abecedário*.

ALFARRÁBIO

Tudo leva a crer que o livro velho ou antigo denominado «alfarrábio» provém do nome próprio árabe de Abu ben Uzlâg Al-Farabi, por ser natural de Farrabe, no Turquestão. Viveu em Bagdade onde morreu em 950 com 80 anos. Ficou célebre pela sua obra e por ser apontado como «o segundo sábio». O primeiro seria Aristóteles, a quem Al-Farabi dedicou grande parte do seu trabalho sendo considerado um dos mais sagazes comentadores da filosofia aristotélica.

ALGARAVIA

Ou «algaraviada». Sabe-se que «algaraviar» é falar ou escrever confusamente, de tal modo que não se compreende o que se diz ou lê.

Como facilmente se depreende, é palavra derivada do árabe, no caso, *al-'araîâ* ou *al + arabiyyah*, que significa, literalmente, «a língua árabe». Entende-se que, sendo a fonética e o alfabeto diversos dos nossos, tenha sido complicado, para portugueses e espanhóis, aquando das invasões mouras, compreenderem a sua linguagem.

A palavra, com o correr dos tempos, deixou de ter essa conotação exclusiva e usa-se indiferentemente, referida a qualquer língua ou fala que surgem confusas. Passou, desde há muito, a fazer parte da nosso léxico comum. O padre Manuel Berrardes, em *Luz e Calor*, escreve: «Não imaginemos que aqui há mais algaravias, nem coisas escondidas e secretas.» Por sua vez, Frei Bernardino da Silva, na sua *Defensam da Monarchia Lusitana* também usa o vocábulo em: «como esta linguagem não é algaravia...». Ou ainda, Arnaldo Gama, em *Sargento-mor*: «senhores, exclamou em algaravia, misto de bretão e português mascavado».

Embora o frade João de Sousa, que, em 1789, publicou um livro intitulado *Vestígios da Língua Árabe em Portugal*, afirme que «algaravia» significava «coisa do Algarve» e seja ainda o feminino de Algarve (como se sabe, «Ocidente» ou «pôr do Sol», em árabe), nada tendo a ver com «língua árabe», os etimologistas dizem, precisamente, o contrário, negando que a palavra tenha qualquer relação com Algarve.

ALGARISMO

Trata-se daquele que é natural ou está relacionado com *Khuarazm*, região da Ásia Central, na Pérsia, hoje conhecida por Khiwa.

Deram os árabes o sobrenome de *al-Khuarizmi* a um célebre matemático, Abu Jafaz Muahammad iben Muça, autor de um compêndio onde utilizava os símbolos hindus, hoje ditos árabes, que ficaram conhecidos como «algarismos».

ALGAZARRA

Começemos por «algara» e «algarada» seus sinónimos, todos termos de origem árabe. «Algara» era uma incursão militar, conflito, contenda, peleja. Como é do conhecimento histórico, os mouros atacavam em veloz correria, penetrando no território inimigo (o verbo *gara*, significa «penetrar»). Faziam-no acompanhando-se de enorme gritaria (os gritos de guerra) e do maior barulho possível, com o sentido de, por um lado, se auto-incentivarem e, por outro, de atemorizarem os adversários, causando um tumulto certamente assustador.

«Algazarra», que antigamente se escrevia «algazara» («E sobre isto deram uma grande grita, fazendo suas algazaras...», João de Barros, *Década I*) tem, obviamente, de

conotar-se com essas incursões militares, embora, directamente, provenha de *al-gazará*, cujo significado é «imensa quantidade de qualquer coisa; loquacidade; grande ruído com ira».

ALGO

Do latim *aliquid* que significa «alguma coisa», mais tarde, «fazenda, cabedais, posses, quantia».

Daí o «filho de algo», fidalgo, nobre, aquele que é rico, poderoso. Como escreveu Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo no seu *Elucidário*: «Este era o majestoso título com que antigamente se distinguiam em Espanha os homens nobres por geração e merecimento, dos que eram plebeus, e sem lustre algum de acções grandes, e abalizados costumes, que os elevasse ao de cima do pó do seu nascimento e abatida fortuna. Sendo todas as cousas deste mundo um verdadeiro nada, sonho e aparência, neste confuso caos ficaram sepultados todos aqueles, que não eram *algo*, isto é, alguma cousa, que interessava grandemente a pátria e a nação. Cavaleiros e escudeiros de geração nobre e bem regulada conduta, eram os fidalgos no tempo dos nossos primeiros reis; não havia entre eles outra diferença, que terem ou não terem alcançado já o grau de cavalaria. Estes eram, *os algos*, que então se respeitavam, e que pelas suas esclarecidas acções se distinguiam. Aos descendentes ou imitadores destes chamaram então *filhos d>algo*, e hoje fidalgos.»

ÁLIBI

É a desculpa, o pretexto que usamos para que não nos culpem de algo. E que melhor desculpa do que termos

estado noutro lado no momento em que ocorreu o acto ou o facto de que nos acusam?

O latim *alibi* é isso mesmo — *alius*, outro, *ibi*, aqui, o que poderá traduzir-se por «estava fora daqui».

ALJUBE

É sinónimo de «prisão», embora só em Lisboa tenha havido uma cadeia com tal nome.

O árabe *al-jubb* significa «cisterna, poço». Originou em português «aljube» e «algibe», esta última através do castelhano e com o mesmo significado, e o francês *ogive* que está na origem da nossa «ogiva».

Como se vai de poço, a prisão e a ogiva?

Em tempos idos, os edifícios que eram adaptados a calabouços, tinham no seu interior, para abastecimento de água, cisternas, os «aljubes». Era igualmente comum que os baixos dessas construções assentassem sobre abóbadas.

Do *al-jubb* árabe, nós e os castelhanos ficámos com a cisterna, o «aljube», os franceses com a abóbada, a *ogive*.

ALIGÁTOR

É frequente ouvir-se e ler-se esta palavra como sinónimo de crocodilo (também dito «caimão»).

Deram-lhe os americanos o nome de *alligator*, traduzindo sonicamente o *el lagarto* dos conquistadores espanhóis. Daí chamarem *alligator pear* ao abacate dada a semelhança da sua casca com a pele do crocodilo.

ALIMÁRIA

Chamamos assim a qualquer animal irracional e, por comparação, a pessoa boçal, estúpida.

O que está na origem é o latim *animalia*, plural de *animal*. Daí se assimilou para «alimalia» e, por desassimilação, a «alimária». Mas o que nesta palavra está «escondido» é «animal».

ALMANAQUE

Objecto antiquíssimo (em outros tempos era numa tábua ou numa pedra que se inscreviam os caracteres), almanaque tem as mais variadas etimologias, um pouco ao gosto, saber e imaginação dos que as tentaram descortinar. A princípio, como se sabe, almanaque era o mesmo que calendário e as informações que veiculava diziam respeito à influência dos astros nas coisas da vida, marcando datas e fazendo predições, mais ou menos mirabolantes. Só mais tarde se incluíram nele dados de outra utilidade, sobretudo referentes à agricultura. Muito mais tarde ainda, tomou a forma por que o conhecemos, com incidências culturais e recreativas.

A sustentar a origem hebraica da palavra, onde *manah* significaria calcular, numerar, cita-se uma velha lenda talmúdica em que dois filhos de Seth, nas vésperas do Dilúvio, resolveram gravar no granito e no tijolo, para eventual futura utilização, o «Livro de todo o saber» que registava a divisão do tempo, o nascimento do Sol, as variações da Lua, a previsão de tempestades, etc.

Eça de Queirós, na introdução ao *Almanaque Enciclopédico de 1896*, considera que esse «livro» hebreu «era, na realidade e simplesmente, um almanaque».

Mas a confusão das origens prossegue. Para Verstegan, por exemplo, vem do celta *al monaght*, contracção de *al-moon-held* (pedaço de madeira quadrado) com o significado de «que contém todas as luas». Outra opinião afirma que se trata da junção de *al* com a palavra grega, *minas*, mês. O

latim também entra no imbróglio. Desta vez seria o dito *al* com o baixo latim *manachus*, círculo traçado sobre um quadrante solar que servia para indicar a sombra em cada mês, ou seja, uma linha elíptica, dividida em 12 partes por 12 sinais, o Zodíaco. Mas é nas línguas árabes que mais segura parece estar a etimologia. Almanaque nasceria do persa *salmaha*, que quer dizer «o período da lua». Ou de *manaqueb*, do verbo *necabe* cujo significado é «predizer o futuro». Igualmente a língua copta do Egipto intervém: almanaque surgiria de *almen*, sendo *al*, cálculo e *men*, memória, o que daria «cálculo pela memória». Eusébio de Cesareia, historiador e bispo, que viveu no século IV, no seu *Proeparatio Evangel*, emprega tanto o grego *almanaka* como o latim *almanachus* que seria a melhor tradução para o copta *almen*. Por fim, o que parece, actualmente, adquirido é que a palavra nasce do árabe *al-manaj*, por sua vez, vindo de *manâh*, cujo significado é insólito: «lugar onde o camelo ajoelha, ou seja, onde uma caravana pára; descanso». Como daqui se chega à significação, é percurso ínvio: ir-se-ia buscar à viagem que o Sol faz, quer dizer, o Zodíaco, à paragem do astro em cada época do ano. O relato ou descrição de cada uma dessas paragens, veio a chamar-se almanaque.

Parece terem sido os Chineses os mais antigos criadores, não lendários, dos almanaques. O imperador tinha o poder de, todos os anos, enviar o seu próprio calendário aos vassallos e vizinhos. E aí deles que não o aceitassem: sua majestade celestial declarava-lhes guerra.

Entre nós, há notícia de um «almanaque para achar os verdadeiros lugares dos planetas», do século XIV, mas crê-se que o primeiro terá sido o célebre *Almanaque Perpétuo*, de Abraão Zacuto, em latim, de 1473, que se destinava ao registo das observações dos astrólogos, aproveitado,